

# Planejamento (e organização) do turismo: reflexões sobre a disciplina nos cursos superiores de turismo de Curitiba

Carlos Eduardo Silveira\*

## Resumo

O presente trabalho é fruto de uma pesquisa realizada com os professores da disciplina de Planejamento Turístico dos cursos superiores de Turismo de Curitiba e as conseqüentes reflexões sobre os resultados. O objetivo principal desta pesquisa foi levantar a situação atual da disciplina e buscar relações entre os conteúdos e métodos aplicados nas diferentes Instituições de Ensino Superior e a visão dos respondentes acerca da atuação dos egressos no mercado de trabalho. A pesquisa baseou-se em método qualitativo, tendo como instrumento entrevistas pessoais individuais, e por não buscar confirmação de hipóteses previamente estabelecidas, tratou-se de um estudo exploratório. As principais conclusões dizem respeito às distintas denominações que possuem as IES; destacam a superioridade de carga-horária da UFPR em relação às instituições privadas; a relação do Planejamento Turístico com as políticas públicas; o caráter teórico-prático do ensino da disciplina; a limitação bibliográfica recente e o baixo interesse dos egressos pela atuação na área.

**Palavras-chave:** Ensino Superior de Turismo; Planejamento Turístico; Mercado de Trabalho; Produção Bibliográfica;

## Abstract

The following article presents the results of a research carried out with Tourism Planning lecturers who teach at the Tourism Programmes at the higher education level in Curitiba, and the resulting reflections on these results. The main objective was to evaluate the state of the art of the discipline and search the coinciding contents and methods among the universities. Also it was intended to find out the lecturers opinions about the graduate performance at the labour market. Qualitative method has been chosen supported by individual interviews, and, as no previous hypotheses have been drawn the nature of the study was exploratory. The main findings show the different denominations of the discipline at different universities; the larger amount of hours allocated for the discipline at UFPR as compared to the others; the relation between policies and planning; the theory-practice process in the providing of the discipline; the lack of recent publications in this field of study; and the low interest of the graduates in working as planners.

**Key-words:** Tourism Higher education; Tourism Planning; Labour market; Publications in Tourism Planning;

## Introdução

O presente artigo é fruto de uma pesquisa realizada com os professores de planejamento turístico das Instituições de Ensino Superior da cidade de Curitiba. O moto original da pesquisa foi a qualificação doutoral do autor, no curso de Gestão e Desenvolvimento Turístico Sustentável, da Universidade de Málaga, na Espanha, e o futuro uso dos resultados na tese doutoral.

O objetivo principal do extrato aqui apresentado foi levantar questões relativas ao ensino do Planejamento Turístico nos cursos superiores de turismo no Brasil bem como a atuação profissional dos egressos. Em função da abrangência possível aliada ao fato da pesquisa não se basear em hipóteses pré-estabelecidas, como será detalhado na metodologia, optou-se por recorrer aos pares locais e levantar questões que possam ser tratadas como pressupostos a serem trabalhados em pesquisas futuras, envolvendo outras técnicas de pesquisa.

Desta forma, as discussões que se apresentam representam uma semente de discussão sobre o ensino superior de turismo no Brasil e do papel do ensino do planejamento turístico nesse contexto.

## Metodologia e características da pesquisa

A pesquisa que originou este artigo não buscou concluir um assunto, mas, ao contrário, servir como semente para pesquisas futuras, o que justifica a opção por um estudo exploratório já que segundo Pizam (1994) são suficientemente flexíveis para permitir considerar os mais variados aspectos do problema de pesquisa. A diferença das pesquisas de comprovação de hipóteses, que anunciam as relações, a exploratória busca relações. A fim de buscar essas relações é que se deu a escolha pelo método qualitativo, pelo anseio de obter informações mais profundas de um grupo de especialistas.

Segundo Cortes (2002), "as fontes mais utilizadas para este tipo de análise são documentais ou resultado de questionários (entrevistas) e observações". De tal modo, optou-se pela entrevista como ferramenta, considerando que, como todos os métodos, apresenta vantagens e desvantagens.

Schlüter (2003, p. 107) afirma que

*A entrevista tem uma série de vantagens sobre outros métodos de levantamento de dados: a) permite obter dados relevantes e significativos para o estudo que se está realizando; b) permite uma situação de espontaneidade; c) não requer que o entrevistado saiba ler; d) permite obter uma maior quantidade de respostas; e) é mais adequada para revelar informação sobre sentimentos e emoções das pessoas. Entre as desvantagens da entrevista pode-se mencionar: a) ausência de segredo; b) é cara em tempo e dinheiro; c) conta com limitações inerentes a entrevista (referentes à expressão verbal e a falta de anonimato), ao entrevistador (presença, modos, opiniões) e ao entrevistado (não lhe interessa responder, não compreende o tema, não é sincero).*

Cabe ainda colocar que ao considerar a dificuldade de conhecer a realidade do ensino superior de turismo no que tange ao planejamento turístico, optou-se não somente por um universo, mas também por um âmbito geográfico factível de investigar. Desta maneira, a pesquisa aconteceu na cidade de Curitiba, local onde vive e trabalha o pesquisador, e onde foram pesquisados todos os programas superiores de turismo da cidade. Ainda que o âmbito seja restrito, considerando a flexibilidade do método e o caráter do estudo de caso, sendo os resultados satisfatórios, há possibilidade de aplicação em outras realidades, partindo do fenômeno local para uma possível generalização, mesmo não sendo esta a principal intenção desta pesquisa. Para definir o universo, foram levantados todos os

\* Graduação em Turismo e Hotelaria pela Universidade do Vale do Itajaí (1994), mestrado em Tourism In Developing Countries - University of Strathclyde (2001) e cursa o doutorado em Gestión y Desarrollo Turístico Sostenible na Universidad de Málaga desde 2004. Atualmente é professor do Centro Universitário Positivo. Tem experiência na área de Turismo, atuando principalmente nos seguintes temas: turismo, planejamento turístico, turismo público e políticas de turismo, formação e capacitação em turismo, comunidade e globalização.

programas superiores de turismo da cidade de Curitiba para aplicação de entrevista. O número de Instituições de Ensino Superior (IES) que seguem ofertando este curso de bacharelado é hoje de nove ao todo, i.e., Centro Universitário Positivo - UnicenP, Faculdade Internacional de Curitiba - FACINTER, Faculdade Opet - OPET, Faculdades Integradas Curitiba - FIC, Faculdades Integradas do Brasil - UNIBRASIL, Faculdades Integradas Santa Cruz Inove - SANTA CRUZ, Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUCPR, Universidade Tuiuti do Paraná - UTP e Universidade Federal do Paraná - UFPR.

Considerando o universo composto pelos cursos apresentados, o objeto de estudo foi a disciplina de Planejamento Turístico, concentrando o estudo nos professores que as ministram e em suas opiniões acerca do tema. Segundo Schlüter (2003), "nem sempre é possível estudar determinadas características em toda a população. De maneira que se recorre ao método de amostra que consiste num conjunto de operações que se realizam para estudar a distribuição de determinados caracteres na totalidade de uma população (*universo*), partindo da observação de uma fração da população considerada (*amostra*)". A autora citada igualmente acrescenta que a determinação da amostra pode ser realizada segundo dois procedimentos básicos segundo Duverger (1978:199 apud Schlüter, *op cit*). O primeiro é o método *aleatório probabilístico*, ou seja, que toda a população tem as mesmas possibilidades de estar representada. O segundo é menos preciso e mais barato e as amostras são denominadas *não aleatórias* ou *empíricas*. Optou-se pelo segundo nesta investigação específica por se tratar de um universo reduzido, além das razões óbvias referentes à disponibilidade dos professores.

Ainda cabe destacar a posição da OMT (2001) em relação às entrevistas,

considerando-as um método adequado para obter informação valiosa de um número limitado de entrevistados mais do que para obter resultados estatísticos de uma amostra grande, onde o investigador estabelece o tema a ser estudado e realiza entrevistas individuais com uma série de especialistas que sejam representativos em relação ao tema.

Levando em conta que a entrevista pode ser utilizada como instrumento único de coleta de dados, ou pode complementar outras técnicas (Pizam 1999 apud Schlüter, 2003) e que podem ser classificadas em estruturadas ou não estruturadas, optou-se pelas *entrevistas estruturadas* que segundo o mesmo autor, "são uniformes e rígidas. O pesquisador tem uma lista de perguntas que devem ser formuladas na mesma ordem e nos mesmos termos". Ainda que as entrevistas tenham sido gravadas seguindo um roteiro de perguntas, alguns dos comentários resultantes das respostas levaram a alterar, em algumas situações, a ordem do referido roteiro, sem obviamente, alterar o conteúdo do mesmo.

Ainda cabe destacar que, a opção por entrevistas pessoais individuais, no lugar de uma dinâmica de grupo, teve como base o fato da entrevista pessoal ser utilizada, na maioria dos casos, quando se determina que a interação do grupo não é um elemento desejável dentro do processo de investigação, ou quando o objetivo da análise é a compreensão de um processo no qual cada indivíduo deve opinar com amplitude sobre sua própria experiência (OMT, 2001).

Todas as entrevistas, num total de nove, ocorreram entre setembro de 2006 e janeiro de 2007, em locais indicados pelos entrevistados e, em média, cada entrevista levou entre 45 minutos e uma hora. Para a interpretação dos resultados, buscou-se identificar os pontos de concordância e discrepância entre as respostas, bem como destacar as opiniões dos entrevistados, que, além de professores, possuem (em maior ou

menor escala) experiência não-acadêmica como planejadores. Este último dado foi levantado já no primeiro bloco de perguntas do questionário que tratava dos dados pessoais, formação e experiência, acadêmica e de mercado<sup>1</sup>. De fato, todos os professores entrevistados possuíam considerável experiência, tanto docente quanto de mercado.

O segundo bloco de perguntas tratou das questões conceituais de Planejamento Turístico e sua relação com as Políticas Públicas, com o Planejamento Estratégico e com o Planejamento de Marketing.

Para o presente artigo, foram analisadas as respostas referentes ao terceiro e ao quarto blocos, que versaram, respectivamente sobre a disciplina/matéria de Planejamento Turístico, e sobre o mercado de trabalho e atuação dos egressos.

### **A disciplina de planejamento turístico**

Existe no meio acadêmico de turismo um senso comum sobre o que é Planejamento Turístico, forjado ao longo dos anos pelas definições trazidas pelos mais diversos autores. Barretto (2005) trata a questão das definições de planejamento afirmando que "todas as definições têm em comum duas idéias: a de complexidade (quando se fala em sistema, processo, mecanismo) e a ação voltada para o futuro". No bloco conceitual sobre Planejamento Turístico, foi solicitado aos professores que definissem informalmente planejamento turístico, e a maioria o define com conceitos muito próximos dos tradicionais, com destaque às expressões *organização* e *desenvolvimento*. Autores como Ruschmann (2001) defendem que o planejamento é fundamental para o desenvolvimento do turismo de forma sustentável, e que numa disciplina de graduação os alunos devem ser ensinados a utilizar de forma adequada técnicas e instrumentos pertinentes ao

planejamento. No intuito de saber se os professores corroboram com a opinião que deve ser lecionado no nível de graduação, lhes foi perguntado sobre a importância do ensino da disciplina em cursos superiores de turismo e se estavam de acordo com a alocação das disciplinas de Planejamento Turístico nos bacharelados ou se em suas opiniões estas deveriam fazer parte de níveis mais altos (pós-graduação) ou mais baixos (tecnólogos ou técnicos) de estudo. Todos disseram que consideram a disciplina adequada para o curso de bacharelado, mas que talvez pudesse ser aprofundada pelos interessados em uma pós-graduação. Esta afirmação foi testada e encontrou apoio em outra pergunta quando se questionou aos professores se acreditam que os alunos estão prontos para atuar como Planejadores quando se graduam. As respostas foram compatíveis as opiniões expressas na pergunta atual.

Não surpreende que os professores tenham sido unânimes em afirmar que o ensino do Planejamento Turístico está corretamente alocado no nível de graduação, além de ser fundamental para a formação do Bacharel em Turismo (Silveira *et al*, 2007). Essa opinião é corroborada por Almeida (2006) quando diz que "o planejamento turístico sempre foi uma das principais áreas de formação do ensino superior de Turismo", e menciona a presença da disciplina já no primeiro currículo mínimo que norteou a criação dos cursos de turismo no Brasil, conforme visto também em Matias (2002). Não obstante, há que se considerar que nesta resolução (s/n. de 28.01.1971), a disciplina de Planejamento e Organização do Turismo era a única disciplina específica do curso, podendo ser considerada a proto-disciplina que gerou todos os desdobramentos de disciplinas específicas posteriormente ministradas em cursos de turismo ou sugeridas em currículos mínimos propostos por associações e pelo próprio

1. Para maiores informações acerca da formação acadêmica e experiência profissional da amostra sugere-se consulta a Silveira *et al*, 2007.

governo<sup>2</sup>, não necessariamente ligadas ao planejamento de destinações turísticas como se concebe atualmente. Na verdade, a proposta de uma disciplina com o nome de *Planejamento Turístico* só surge em 1995 na proposta realizada pela ABBTUR durante o Encontro Nacional de Bacharéis e Estudantes de Turismo na cidade de Curitiba (Matias, *op cit*). É interessante notar que, ainda que a maioria dos cursos superiores de Turismo de Curitiba ainda inclua os conteúdos e atividades de Planejamento de Destinações Turísticas nas disciplinas de

Planejamento e Organização do Turismo, a maioria dos professores entrevistados faz distinção entre *Planejamento Turístico* e *Planejamento e Organização do Turismo (POT)*, dizendo ser aquela disciplina mais voltada a destinações turísticas e esta mais voltada à estrutura e às políticas públicas de turismo. Pôde-se perceber que nos currículos que não distinguem as disciplinas, mas que as dividem em vários módulos semestrais, os semestres

iniciais, segundo os entrevistados, são voltados aos conhecimentos mais amplos sobre política e estrutura e os semestres mais avançados, ao planejamento de destinações turística, inclusive com trabalhos práticos de confecção de Planos de Desenvolvimento Turístico de municípios ou de bairros da Capital Paranaense.

A comparação dos currículos das IES consultadas aponta para alguns dados interessantes neste e em outros sentidos. O quadro 1 mostra alguns dados úteis nessa interpretação da disciplina de Planejamento Turístico e de outras relacionadas direta ou indiretamente a ela. Ressalta-se, contudo, que uma vez que muitos dos programas estão passando por mudanças para adequação de conteúdo ao mercado de trabalho dos

egressos, ou reestruturando seus quadros funcionais, optou-se por adotar exclusivamente as disciplinas citadas pelos entrevistados nas datas de suas entrevistas. Ainda que os cursos tenham passado por recentes alterações, o que se busca é uma linha de raciocínio entre essas disciplinas, mais do que identificar as situações isoladamente.

Portanto, o quadro apresentado abaixo é utilizado como ferramenta de comparação e não para aprofundar particularidades de cada currículo.

Quadro 1. Disciplinas de planejamento turístico ou relacionadas aos temas presentes no universo pesquisado segundo informações dos entrevistados

Fonte: Elaboração própria.

Disciplina \ IES	FACINTER	FIC	OPET	PUCPR	SANTA CRUZ	UFRP	UNIBRASIL	UNICENP	UTF
Ordenamento Territorial Turístico				54h					72h
Organização Turística				54h					
Planejamento Estratégico					36h				
Planejamento Turístico				72h	72h	90h		144h	
Planejamento Turístico em Áreas Urbanas						90h			
Planejamento Turístico em Áreas Naturais						90h			
Planejamento, Organização e Sistemas Turísticos						90h			
Planejamento e Organização do Turismo	170h	144h	108h				180h	72h	144h
Políticas Públicas em Turismo ou Política Turística Brasileira				36h	36h				
Total de horas	170	144	108	216	144	360	180	216	216

Em termos gerais, o principal ponto que se percebe é que a maioria dos programas (sete) apresenta disciplinas de Planejamento e Organização do Turismo (POT), oferecidas em mais de um semestre. As que não apresentam disciplina com este nome, têm alguma disciplina de Política Pública, ou, em um dos programas, Planejamento, Organização e Sistemas de Turismo (POST).

Segundo as respostas dos entrevistados, das Instituições que não apresentam disciplinas de política especificamente, estes conteúdos são oferecidos nas primeiras partes de POT. Isto reitera o vínculo entre Planejamento e Política presente nas respostas dos entrevistados em outros blocos, e defendido por Solha (2006) quando coloca a "importância do poder público na

2. Para aprofundamento das propostas de currículos mínimos que ocorreram ao longo dos anos no Brasil, sugere-se a leitura do primeiro capítulo de Matias (2002).

formulação e na implementação da política de turismo, oferecendo suporte para as decisões de planejamento".

Além disso, as disciplinas de Planejamento ou as mais avançadas de POT, costumam estar mais adiante da metade dos programas, o que aponta para a necessidade de embasamento teórico para a compreensão dos conteúdos. Assim, em algumas Instituições essas disciplinas figuram nos últimos anos acadêmicos e nas demais, nos penúltimos. Ainda que seja lógico, os primeiros semestres das disciplinas normalmente são teóricos e aos últimos se reserva a prática de Planejamento, quando existe.

Acerca dos conteúdos, somente uma das Instituições pesquisadas apresenta uma parte ou semestre da disciplina de POT direcionada ao Planejamento e Gestão de Empresas Turísticas. Analisando particularidades, duas situações chamam atenção, no cruzamento com as respostas do bloco conceitual. Ainda que algumas respostas do referido bloco apontem para a influência do Planejamento Estratégico sobre o Planejamento Turístico, em um dos programas as disciplinas são ministradas em ordem inversa, ou seja, Planejamento Turístico antes de Planejamento Estratégico. A outra que vai na contra-mão das características gerais, apresenta após a disciplina de Planejamento Turístico, duas disciplinas que segundo a lógica dos outros programas estariam antes. Uma é sobre as Políticas Públicas do Brasil, e a outra que é chamada Organização do Turismo, mas que trata da prática de Planejamento Turístico (*sic*).

Ainda neste bloco, foi perguntado também sobre a metodologia empregada nas disciplinas e na avaliação dos conteúdos. Em todas as respostas a metodologia aplicada está baseada não somente em teoria como também na prática de campo, seja como laboratório, em alguns casos, seja

realizando um Plano de Desenvolvimento Turístico que costuma ser entregue ao representante do município, área ou região adotada para a prática.

As que incluem estes planos em suas práticas utilizam-se deles também como parte da avaliação dos alunos. Mesmo assim, todas (práticas ou teóricas) tratam a disciplina de Planejamento Turístico como outra disciplina qualquer, com avaliações tradicionais e exames, o que indica a (sabida) existência de teoria sobre o tema sendo ministrado como conteúdo curricular das disciplinas.

Entretanto, a fim de conhecer quais são os autores indicados com maior frequência, além de outros materiais utilizados e suas origens, foi solicitado aos entrevistados que mencionassem a bibliografia fundamental de suas disciplinas. Acerca dos materiais, todos os professores indicam os formulários e outras diretrizes do Governo Federal (Ministério de Turismo) e uns poucos do Governo do Estado do Paraná (Secretaria de Estado). Este último especialmente, utilizado pelas duas professoras da universidade pública e uma das professoras que leciona em duas universidades privadas. Ou seja, quando perguntados sobre a importância das Políticas Públicas nos conteúdos das disciplinas, todos reforçaram a necessidade de apresentar aos alunos as políticas e programas, especialmente as federais. Contudo, quando se trata dos autores há algo que chama muito a atenção. Mesmo considerando o fato do ambiente de entrevista ter sido informal, e que nenhuma preparação prévia tenha sido solicitada; com exceção de uma das professoras, que não citou muitos autores, e de menções à OMT e à WWF além de um ou outro autor distinto mencionado por alguns entrevistados, todos os professores citaram praticamente os mesmos autores. Entretanto, o mais preocupante não é a repetição de

nomes, mas sim o fato da publicação mais recente dos autores citados ser do ano de 2002; e a maioria dos anos 1980 e 1990.

A seguir apresenta-se um quadro com os nomes mencionados:

Quadro 2. Autores mais citados  
 Fonte: Elaboração própria.

Brasileiros	Estrangeiros
Claudia Magalhães Dóris Ruschmann Margarita Barretto Maria Angela Bissoli Mario Beni Mario Petrocchi Reinaldo Dias	Michael Hall Miguel Acerenza OMT Roberto Boullón WWF

Ressalta-se que, ainda que Ruschmann tenha organizado recentemente uma nova publicação (Ruschmann e Solha, 2006) e que Barreto tenha lançado uma edição atualizada de seu livro sobre planejamento, agora intitulada Planejamento Responsável do Turismo (Barretto, 2005), as publicações dessas autoras mencionadas pelos professores dizem respeito aos originais, publicados respectivamente em 1997 e 1991. Reiterando que foi pedido aos professores na entrevista que citassem os autores que mais utilizam nas aulas e que nos locais de entrevista nenhum deles tinha qualquer tipo de material para consulta; a lista apresentada nos leva a considerar três possibilidades: uma é que já não se produz tanto em termos de livros de Planejamento Turístico no Brasil, e que não se traduz com tanta frequência os títulos mais recentes existentes no exterior (o que pode significar um isolamento acadêmico); ou que os títulos mais recentes não são considerados (ou efetivamente não são) tão bons como os mais antigos; ou por fim, que os professores, ainda que por razões não-voluntárias, não estão atualizados acerca das novas publicações.

Concluindo este bloco perguntou-se aos professores se existem atividades de caráter interdisciplinar que envolvam a disciplina. Dos que responderam, a maioria colocou que sim existem estas

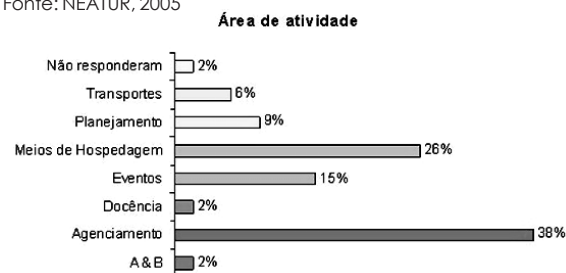
atividades, e surpreendeu (positivamente) que as atividades mais freqüentes envolvam as disciplinas de marketing, política, meio ambiente, sociologia e inclusive museologia, em um dos casos, e gastronomia em dois. Isto indica que a formação pluralista dos bacharelados em turismo permite combinações acadêmicas e profissionais muito singulares.

No intuito de conhecer o perfil dos egressos das universidades que compõem o universo da pesquisa, foi elaborado um bloco de perguntas acerca das informações disponíveis sobre estes profissionais.

## Mercado de trabalho e atividades profissionais dos egressos

Como é sabido, a quantidade de cursos de turismo multiplicou-se exponencialmente nos anos 90 e no princípio deste século XXI (Matias, 2005; AnSarah, 2002; Trigo, 2000), o que desequilibrou o mercado de trabalho, já escasso para turismólogos, pela injeção de centenas de profissionais por ano (Berberi et al, 2006). Além disso, uma das informações prévias a esta pesquisa, i.e. uma pesquisa realizada pelo Núcleo de Estudos e Atividades Turísticas - NEATUR do UnicenP com os egressos, chamou atenção pelo fato de que poucos desse egressos atuem com Planejamento Turístico.

Gráfico 1. Pesquisa com egressos do curso de turismo do UNICENP sobre área de atuação profissional  
 Fonte: NEATUR, 2005



Percebe-se no gráfico que apenas 9% da amostra atua em Planejamento Turístico, incluído nesse número os que atuam com turismo público, o que não quer dizer que

atuem necessariamente com planejamento de destinos, mas possivelmente com políticas públicas. Este número quase coincide com a opinião dos professores de Curitiba para os quais somente 10%, em média, dos alunos demonstram interesse em trabalhar no turismo como planejadores ou no setor público. Cabe destacar que este número é mais alto na UFPR, que tradicionalmente forma bacharéis planejadores. Nesta Universidade o interesse dos alunos é de 30 a 40% segundo os professores.

Buscando conhecer a opinião dos entrevistados acerca desta situação, lhes foi questionado onde consideram que estejam as oportunidades profissionais.

Uma professora, com maior experiência profissional de mercado é mais otimista e considera que para os que sabem buscar existem oportunidades não apenas no setor público, como também no privado e no terceiro setor. De qualquer forma, existe um consenso entre os entrevistados que o setor público municipal, de cidades do interior é, hoje em dia, o que mais oferece oportunidades. Uma das entrevistadas acredita que o Paraná está sobrecarregado de consultorias e por questões políticas esta não é uma área tão promissora aos egressos. Uns poucos acreditam que existe uma tendência que o terceiro setor (as ONGs) cresça e com isso sejam gerados mais empregos. Outro dos entrevistados, ainda, considera que as associações rurais necessitam de profissionais de turismo para evoluir suas atividades.

Sabe-se, entretanto, que o simples desejo por trabalhar com planejamento turístico não significa aptidão ou perfil para ser planejador. Quando perguntados como é, ou deve ser, o perfil de alguém que deseja trabalhar com Planejamento Turístico algumas respostas foram muito interessantes. Está claro a todos os professores que conhecimento técnico é fundamental, ainda que possa ser

aprofundado com a prática; mas enquanto características pessoais, consideram que um planejador tem que ter visão mais ampla do mercado, ter habilidades comunicativas, criatividade, ser crítico, consciente e conciliador para que possa trabalhar com equipes.

Nenhuma das características é prerrogativa exclusiva de turismólogos. Na verdade, ficou claro que a concorrência para os postos de trabalhos não é restrita aos outros egressos dos cursos de turismo, pois nenhum dos entrevistados conseguiu afirmar que exista alguma etapa do processo de Planejamento que dependa exclusivamente de conhecimentos disponíveis somente nos programas de turismo ou que só possa ser realizada por bacharéis em turismo. Não obstante, todos acreditam que os bacharéis em turismo possuem um olhar distinto que facilita sua atuação, de maneira que, ainda que não seja imprescindível, é melhor trabalhar Planejamento com equipes coordenadas por bacharéis em turismo.

Na pergunta que finaliza a entrevista, foi pedido a cada um dos entrevistados que nomeasse cinco planejadores turísticos, preferencialmente do Paraná, ou do Brasil, para novas pesquisas com profissionais da área para conhecer a realidade de mercado. A intenção é utilizar a técnica chamada de bola de neve (Clark *et al*, 1998) que busca definir a amostra a ser pesquisada através da opinião de especialistas da área. A técnica consiste em solicitar nomes a cada especialista até que se eleja a amostra através dos nomes mais mencionados que serão os respondentes da pesquisa em questão. Esta técnica de amostragem é particularmente útil para assuntos controversos em universos pequenos (Clarke *et al*, *op cit*). Neste caso, a quantidade de profissionais citados mais de uma vez resultou em 10 nomes, sendo o próximo objetivo



realizar uma nova pesquisa com os nomes apresentados a seguir.

Quadro 3. Planejadores turísticos brasileiros citados pelos professores de Curitiba  
Fonte: elaboração própria

Planejadores e quantidade de vezes que foram citados			
7	Dóris Ruschmann	1	Adonis Zimmermann
6	Pakho Cornelsen	1	Livia Kioshima
6	Mario Petrocchi	1	Luis Renato Ignarra
5	Deise Bezerra	1	Maria Angela Bissoli
4	Marlene Novaes	1	Marta Takhashi
4	Eduardo Zardo	1	Renato Bravo
3	Zulméia Ferreira	1	Roberto Menezes
3	Mario Beni	1	Sérgio Salvaffi
2	Silvio Barros	1	Simone Fortes
2	Luciana de Oliveira	1	Valéria Albach

Algumas características desta lista devem ser destacadas. Primeiramente não foi uma tarefa simples para a maioria dos entrevistados lembrar de cinco nomes. Três planejadores presentes nesta lista foram entrevistados como professores e são efetivamente os que possuem mais experiência profissional. Uma das professoras, ao mesmo tempo em que leciona na Universidade Pública é funcionária da Secretaria de Turismo do Estado do Paraná, e os outros dois, além de professores de universidades particulares são consultores independentes.

Mesmo assim, está claro que outra parte dos nomes é composta por autores de renome nacional, já citados no quadro 2. Em primeiro lugar está uma bacharel em turismo, que, como autora, foi mencionada por quase todos os entrevistados. Mormente, entre os dez primeiros, somente três não são bacharéis em turismo, dois são autores com larga tradição em turismo, não apenas na academia, mas também em consultoria; e um que foi consultor com trabalhos em todo o país e no exterior e atualmente se dedica à política no Paraná.

Por fim, chama a atenção o fato de tão poucos nomes terem sido citados, o que leva a considerar ao menos duas possibilidades; a primeira é que poucos profissionais ganham fama atuando em planejamento turístico, a ponto de serem lembrados. A segunda, é que

efetivamente existem poucos profissionais atuando nessa área, o que põe em cheque a afirmação de que o planejamento turístico é uma das principais áreas de atuação do bacharel em turismo.

### Considerações finais

As questões levantadas neste artigo apontam para uma estagnação da área de planejamento turístico no meio acadêmico de turismo, possivelmente relacionada à emancipação da produção bibliográfica na área de turismo. Com a aceleração da produção científica nos anos 1990 e no início deste século, criou-se uma noção de auto-suficiência no meio acadêmico da área que passou a se alimentar de informações da própria atividade turística. Se esta emancipação trouxe, por um lado, o aspecto positivo de consolidar uma área de produção; trouxe de outro a diminuição de *inputs* das áreas originais às quais o turismo era - e talvez ainda seja - vinculado, especialmente as que mais influenciaram a área, como a Geografia, a Administração, a Economia e o Planejamento Regional e Urbano, segundo a pesquisa. Tem-se a impressão que neste desmembramento a velocidade de inovação na área de turismo não acompanhou as áreas originais, ao menos no Brasil, e que poucas novidades têm surgido na disciplina específica de Planejamento Turístico. De fato, uma das últimas 'novidades' incorporada à literatura foi o planejamento participativo, nos anos 1990, que foi amplamente debatida na área de planejamento e das políticas, públicas, ainda que não tenha sido criada para a atividade turística.

É possível que em turismo, e mais especificamente em Planejamento Turístico, estejamos vivendo uma *miopia turística* comparável à dos transportes ferroviários tratada por Levitt nos anos 1960, e que na

busca da epistemologia (Moesch, 2000; Panosso Netto, 2005) e da consolidação de uma área, tenhamos fechado algumas portas que nos traziam os ares de outras áreas.

É necessário que o ensino do turismo seja repensado para a realidade atual. A forma de ensino, em especial de planejamento, não é sustentável, já que objeto de estudo das disciplinas, *i.e.* as destinações turísticas, quando usadas como laboratório resultam em concorrência com os egressos que tencionem trabalhar com a área. É sabido que, atualmente, ainda que haja esforços no sentido de regionalizar a atividade, a base continua sendo o município, e estes existem em número limitado. Por mais que os planos realizados pelas IES para essas destinações intencionalmente não sejam conclusivos, muitos dos gestores despreparados dos municípios em questão não saberiam diferenciar uma atividade acadêmica de outra profissional, ou talvez nem o desejem. Não surpreende, portanto, a falta de interesse pela atuação profissional nessa área, pois foise o tempo em que os cursos superiores de turismo eram novidade e que os ingressantes tinham pouca possibilidade de obter informações sobre a área com egressos. A falta de perspectiva profissional não é só em Planejamento Turístico e vem refletindo, junto com uma acomodação natural de mercado, na relação entre vagas oferecidas e ocupadas no ensino superior de turismo, e até na própria oferta de cursos por parte das IES, e Curitiba é um exemplo claro disso. Dos 13 cursos existentes na região da Grande Curitiba mencionados por Paixão e Gândara em 2004, somente nove continuam ativos e participaram desta pesquisa.

Por mais que possa parecer um contrasenso, ao que parece nossa área cresceu de forma não sustentável e hoje padece pela falta de visão de futuro. É necessário que se pense estrategicamente e que se tracem ações que revertam o declínio, quem sabe

rejuvenesçam ou, pelo menos, mantenham a estagnação, parodiando o ciclo de vida das destinações turísticas Butler (1980). Em resumo, a necessidade é planejamento.

## Referências bibliográficas

- ALMEIDA, M. "O Ensino de Planejamento Turístico no Brasil: reflexões e recomendações para a prática pedagógica". IN RUSCHMANN, D e SOLHA, K.T. Planejamento Turístico. Barueri: Manole, 2006.
- ANSARAH, M. Formação e Capacitação do Profissional em Turismo e Hotelaria: reflexões e cadastro das Instituições Educacionais do Brasil. São Paulo: Aleph, 2002.
- BARRETTO, M. Planejamento responsável do turismo. Campinas: Papyrus, 2005.
- BERBERI, A. ; SILVEIRA, C. ; PAIXÃO, D. ; COBOS, V. "Ensino Superior de Turismo no Brasil e a Necessidade de Alinhamento com uma Política Nacional de Turismo." IN: I Encontro Estadual de Pesquisadores em Hotelaria e Turismo. Campo Mourão, 2006.
- BUTLER, R. "The concept of a tourist area life cycle of evolution implications for management of resources". Canadian geographer, 1980, pp.5-12, vol. 24.
- CLARK, M.; RILEY, M.; WILKIE, E. e WOOD, R. Researching and Writing Dissertations in Hospitality and Tourism. Londres: Thomson, 1998.
- CORTES, S. "Como fazer análise qualitativa de dados". IN BÊRNI, D. Técnicas de pesquisa em economia: transformando curiosidade em conhecimento São Paulo: Saraiva, 2002.
- LEVITT, T. "Marketing Myopia". Harvard Business Review. Boston: Jul/Aug 2004. Vol. 82, Iss. 7,8; p. 138
- MATIAS, M. "Panorama da formação profissional em turismo e suas relações com o mercado de trabalho no Brasil", In TRIGO, L.; PANOSSO NETTO, A.; ALDRIGUI, M. E

- PIRES, P. Análises regionais e globais do turismo brasileiro. São Paulo: Roca, 2005.
- MATIAS, M. Turismo: Formação e Profissionalização - 30 anos de história. Barueri: Manole, 2002.
- MOESCH, M. A produção do saber turístico. São Paulo: Contexto, 2000.
- NEATUR. "Pesquisa com os egressos". I Encontro de Bacharéis de Turismo do UnicenP. Curitiba, 2005 (pesquisa não publicada).
- OMT. Apuntes de metodología de la investigación en Turismo. OMT: Madrid: 2001.
- PAIXÃO, D. L. D.; GÂNDARA, J. M. G. "A relação entre formação de recursos humanos e o desenvolvimento sustentável do turismo: uma análise da educação turística na cidade de Curitiba". Curitiba: Ciência & Opinião, v. 1, p.173-188, 2004.
- PANOSSO NETTO, A. Filosofia do Turismo: teoria e epistemologia. São Paulo: Aleph, 2005.
- PIZAM, A. "Planning a Tourism Research Investigation". IN: RITCHIE, J. e GOELDNER, C. Travel, Tourism and Hospitality Research, 2ª ed. Nova York: John Wiley & Sons, 1994.
- RUSCHMANN, D. "Planejamento Turístico". IN: ANSARAH, M. Turismo: como aprender, como ensinar. Vol.2. São Paulo: Senac, 2001.
- RUSCHMANN, D e SOLHA, K. Planejamento Turístico. Barueri: Manole, 2006.
- SCLÜTER, R. Metodologia da pesquisa em turismo e hotelaria. São Paulo: Aleph, 2003.
- SILVEIRA, C; GÂNDARA, J e MEDAGLIA, J. "O ensino do planejamento turístico nos cursos superiores de turismo de Curitiba: prática docente, prática de mercado e alinhamento com a teoria." IN: II Encontro Paranaense de pesquisadores de hotelaria e turismo. Ponta Grossa, 2007.
- TRIGO, L. "A Importância da Educação Para o Turismo". IN: LAGE, B. e MILONE, P. Turismo Teoria e Prática. São Paulo: Atlas, 2000.

**Cronologia do processo editorial:**

Recebimento do artigo:	01-set-2007
Envio ao parecerista:	05-nov-2007
Recebimento do parecer:	05-dez-2007
Aceite:	06-dez-2007